

**Com a palavra
os funcionários:
Bernardete
Maciel Correa
fala sobre
a PUC-SP**

APROPUC

Professores decidem futuro da entidade

Esta segunda-feira, 26/5, é o último dia para os professores inscreverem suas chapas para a sucessão da diretoria da APROPUC. As inscrições foram abertas no dia 19/5.

Para se candidatarem, e também para votar, os professores deverão ser sócios da entidade há pelo menos 90 dias, a contar da data do término do mandato da atual diretoria (26/06/2008), e deverão estar quites com a tesouraria.

As chapas deverão ser compostas por Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro e três suplentes. É facultativa a apresentação, no ato da inscrição, dos componentes das comissões de trabalho.

As eleições serão realizadas entre os dias 16 e 19 de junho de 2008. Os

Professores, organizem-se para as eleições da APROPUC



**Inscrições de chapas:
19, 20, 21 e 26 de maio**



**Votação:
16 a 19 de junho**

Veja o edital no site:

www.apropucsp.org.br

APROPUC ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA PUC-SP

locais de votação serão divulgados nas próximas semanas.

Importância da eleição

Num momento de crise, como o vivido atualmente pela PUC-SP, é importante que o corpo docente fortaleça sua entidade de classe, impedindo que novos ataques às condições de trabalho e salário sejam perpetrados pela direção da universidade.

A participação dos professores, tanto no processo de formação de chapas, como na campanha eleitoral, é fundamental para que uma nova PUC-SP possa surgir neste ano – que promete ser de muitas mudanças para a universidade.

REAJUSTE

Funcionários administrativos fecham acordo salarial

O Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar de São Paulo (Saaesp), ao qual é filiado a AFAPUC, fechou acordo com as mantenedoras para os reajustes salariais de 2008/09. Dessa maneira, os funcionários da PUC-SP, assim como os professores, receberão a partir de abril/2008 reajuste de 4,66% sobre os salários de fevereiro/2008. Esse percentual é resultado da média de uma cesta de índices, que repõe a inflação do período. Em julho/08 serão incorporados aos salários mais 0,84%.

O acordo também estabelece os

patamares para o reajuste de 2009, que deverá ser feito pela mesma cesta de índices, mais 1,2%, perfazendo cerca de 2% de aumento em dois anos. Segundo Anselmo Antonio da Silva, funcionário da PUC-SP e diretor do Saaesp, alguns itens das cláusulas sociais ainda estão pendentes.

Professores

Os docentes da PUC-SP, cujos salários foram reajustados pelos mesmos índices dos funcionários, têm a receber os valores reajustados referentes a abril/

2008. Em princípio, a Divisão de Recursos Humanos acenou com a possibilidade de pagamento no dia 20 deste mês. O recebimento desta diferença, porém, deverá ocorrer junto com o salário de maio/08, a ser pago no quinto dia útil de junho.

Na segunda-feira, 02/6, deverá ocorrer mais uma reunião entre a diretoria da APROPUC e a Fundação São Paulo, para discutir propostas de pagamento da dívida salarial dos docentes. Acumulados desde 2004, os valores hoje ultrapassam quatro salários de cada professor.

Blábláblá e trololó

Voltou à ordem do dia o debate – contido, caótico – dos contratos de trabalho, nova “maximização” e outros fantasmas. O pano de fundo é o déficit orçamentário de 2007, a queda de alunos, a receita descompensada com o aumento da folha em 2008, novamente o desequilíbrio financeiro, ou, como queiram, o ressurgimento da crise.

Tudo indica que a espiral decadente não foi revertida. O fundo do poço é mais embaixo. As duas realidades da PUC-SP não conseguem dialogar. Uma, a curva descendente de alunos, o esvaziamento de cursos, o fechamento de turmas, o abandono da graduação. A outra, a casta agarrada no triângulo corporativo – salários altos, privilégios, poder – a protelar as medidas prioritárias. A megalomania viaja para Harvard, Oxford, desvia o olhar e a atenção do mundo real.

Quais foram as medidas concretas adotadas nos últimos anos para aumentar o número de alunos nos cursos de graduação? Se o ensino e a graduação compõem a principal fonte de receita da Universidade, a recuperação dos cursos esvaziados não deveria ser prioridade? Por que não se investiu na melhoria desses cursos, no equacionamento das anuidades para um público mais amplo, na profissionalização do trabalho de atração de novos alunos? É possível manter o pós sem o fortalecimento da graduação?

A casta não se preocupa com essas coisas mundanas. A casta adora planilhas, formulários, padronizações, tudo aquilo que forneça instrumentos de controle, o poder pelo controle, a paixão pela burocracia. Não se trata de gestão, não se confunde com gestão, a verdadeira gestão, que deveria atuar no mundo vivo da Universidade, no dia a dia de professores, estudantes e funcionários, que trata sim de resolver e de dar fluxo, permitir e estimular que a energia e o tempo sejam dedicados ao saber, à geração de conhecimentos, à vida acadêmica integral.

A PUC perde aluno porque aumentou demais a anuidade de alguns cursos destinados às classes médias de menor poder aquisitivo. Mas perde mais aluno ainda porque vários cursos perderam antes os sinais vitais do ensino, se distanciaram da sociedade, estão longe de uma significância intelectual e profissional.

A casta estimulou, com suas políticas equivocadas, que muita gente boa passasse a olhar para o próprio umbigo. E só isso. Os documentos que algumas instâncias da Universidade produziram recentemente, sobre a crise atual, não passam de medíocres blábláblá e trololó – aquele papo furado e vazio apenas para enganar trouxa. Uma vergonha que tais documentos sejam identificados como oriundos da academia – e particularmente da PUC-SP.

É ilusão esperar que a casta se reconstrua e mude sua visão de mundo de um momento para outro. A Universidade tem dois caminhos para reverter o novo quadro de crise: um, pelo autoritarismo, mais arrocho contratual, mais cortes, mais demissões, sem enfrentar o cerne da questão; e outro, pelo movimento de professores – amplo, massivo, democrático – determinado a definir as prioridades e as ações que realmente façam sentido no enfrentamento da crise. O instrumento para isso é a realização de um Congresso da PUC-SP, com a participação expressiva dos três segmentos. A iniciativa deve ser dos professores.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

EVENTO

Semana discute jornalismo e democracia

O Departamento de Jornalismo e o Centro Acadêmico Benevides Paixão promovem a Semana de Jornalismo 2008 entre os dias 26 e 30/5. O evento faz parte da comemoração dos 30 anos do curso. Além de contar com grandes nomes, entre jornalistas e pesquisadores da área, a graduação em Jornalismo na PUC-SP sempre foi reconhecida por seu caráter crítico e seu compromisso com a sociedade. O tema principal é Jornalismo e Democracia no Brasil.

A abertura ocorre na segunda-feira, às 19h30, com a mesa *O papel do Jornalismo na construção da democracia*. O auditório 239 receberá o professor da PUC-SP e cientista político Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, o editor do site Vermelho, Altamiro Borges, e o diretor do Núcleo Piratininga de Comunicação, Vito Giannotti. Na terça-feira, às 9h, também no auditório 239, acontece a mesa *Censura do Estado, censura empresarial e autocensura*, com Pedro Pomar, editor da Revista Adusp, Gilberto Maringoni, historiador, jornalista e professor da Faculdade Casper Líbero, e Celso Horta, editor do jornal ABCD-Maior.

Ainda no dia 27/5, às 19h30, Alan Rodrigues, da revista *Istoé* e Renato Rovai, editor da *Fórum*, debatem sobre *Jornalismo hegemônico, movimentos sociais e os 200 anos da imprensa no Brasil*. Na quarta-feira, 28/5, as palestras ocorrem no auditório 333. Pela manhã, às 9h, a mesa *Liberdades democráticas e direitos humanos nos meios de comunicação de massa* reúne Nalu Faria, da Marcha Mundial de Mulheres, Frei David, da Educafro, José Juliano de Carvalho Filho, professor da USP, Leonardo Sakamoto, do site Repórter Brasil e Maria Luísa

Mendonça, da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Às 19h30, o debate é sobre *As ressonâncias de Maio de 1968 na construção da democracia e no Jornalismo atual*, com Mylton Severiano, da revista *Caros Amigos*, Bia Abramides, professora de Serviço Social da PUC-SP e Eduardo Valladares, do Departamento de História.

Às 9h da quinta-feira, 29/5, na sala 239, o assunto é *O papel das emissoras comunitárias, públicas, e estatais de Rádio e TV para a inclusão social*, com Florestan Fernandes Jr., da TV Brasil, Cildo José Rosenbach, da Rádio Cantareira, Júlio Wainer, diretor da TV PUC, e João Brant do Coletivo Intervenções. Às 19h30, também na sala 239, o tema é *As transformações do Jornalismo e as novas tecnologias: democracia ou concentração de poder*, com a participação de Armando Pereira, editor da UOL, Sabine Righetti, pesquisadora da Unicamp e Eugênio Trivinho, do pós em Comunicação e Semiótica.

No último dia da semana, Isabela Boscov, da revista *Veja*, Cassiano Elek Machado, da Revista *Piauí*, Fábio Cypriano, professor da PUC-SP e jornalista da *Folha de S. Paulo* e Eneida Soller, diretora da Cooperativa de Música discutem *Como ampliar o espaço e a diversidade das manifestações artísticas e culturais na imprensa brasileira?*, na sala 239. E para finalizar, às 19h30, entram em pauta as *Concessões públicas de rádio e televisão e a democratização da informação*, com a presença de Laurindo Lalo Leal Filho, professor da USP, Ricardo Campolim, diretor da Abraço e Renato Levi, professor de Jornalismo na ECA-USP e na PUC-SP.

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:**

www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Victor Sousa e Otávio Nagoya

Fotografia: Marcela Rocha e Bruna Campos

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

SUCESSÃO

“Acredito na mudança. Este é o mote da minha vida”

Maria Bernardete Maciel Correa é funcionária da PUC-SP desde 1980. Depois de três mandatos como diretora da AFAPUC, hoje divide seu tempo entre o Núcleo de Trabalhos Comunitários (NTC) e o Núcleo de Pesquisas do Envelhecimento (Nepe), onde desenvolveu mestrado sobre o Programa de Demissão Voluntária da PUC-SP. Com seus 28 anos de casa, Bernardete é a primeira funcionária a ser entrevistada para esta seção especial sobre a sucessão na Reitoria.

GESTÃO MAURA VÉRAS

Infelizmente, a gestão Maura deixou muito a desejar. Pautou toda a sua campanha eleitoral no diálogo, mas poucos foram os momentos em que conseguiu apresentar um projeto para a universidade. A vários questionamentos, durante o processo eleitoral, Maura respondeu que discutiria com a comunidade. Ao tomar posse, imediatamente esqueceu a promessa. Ao tomar conhecimento, talvez, da crise estrutural da PUC-SP, a Reitoria abandonou a principal bandeira da campanha: o diálogo para encaminhar as várias saídas para a universidade. Em nome da crise estrutural, implantou uma série de reformas de cima para baixo, sem discutir com nenhum dos setores envolvidos. O processo culminou em demissões, tanto na Monte Alegre como em Sorocaba, de forma extremamente vexatória, sem sentido.

Em um primeiro momento, a Reitoria alegava que, no caso do CPD, por exemplo, os funcionários estavam ultrapassados no conhecimento técnico. Só que isso não é verdade: eles sempre pleitearam cursos de especialização para se atualizarem. Vários setores em que foram implantadas as reformas tinham propostas encaminhadas pelos funcionários para melhoria da qualidade de trabalho do setor – o que nunca foi respeitado. A gráfica, que acabou fechada, é um exemplo.

Houve uma ruptura de diálogo, com ridícula exposição do trabalhador. Muita gente saiu daqui machucado, magoado, doente. Posteriormente, a Reitoria apresentou o Programa de Demissão Voluntária, onde

errou mais uma vez, porque não conversou nem com a APROPUC, nem com a AFAPUC. Implantou um projeto que trazia aos professores incentivos diferentes daqueles oferecidos aos funcionários. Com esse tipo de atitude, também foi quebrada a isonomia. Foi algo extremamente ruim para os trabalhadores. Houve casos em que o acordo envolvia 6, 12 ou até 24 parcelas. Funcionários aderiram pensando: “é melhor sair agora, porque daqui a pouco serei demitido da mesma forma”. E esses direitos que a universidade deveria pagar nem sempre foram cumpridos. Vários trabalhadores entraram com processos trabalhistas contra a universidade.

Do ponto-de-vista dos funcionários, avalio que houve conquistas que acabamos perdendo, conquistas pelas quais brigamos muito, historicamente. Se tivermos um olhar mais atento, veremos que essa gestão, com tudo pelo que passou a universidade, foi a que mais apoio teve. No entanto, foram sacrificados não somente os trabalhadores administrativos; os professores também foram atingidos, com a maximização dos contratos, apresentada inicialmente como algo temporário, mas que acabou se tornando definitivo.



“A PUC-SP é nossa. Não é da Igreja, não é da Fundação. Nós construímos a PUC-SP. E nós temos que reagir”

REFORMAS ADMINISTRATIVAS

A experiência de juntar todas as secretarias em um único espaço, nos anos 80, foi muito negativa e sofrida. Obviamente, tenho consciência de que a universidade cresceu, modernizou-se, temos outra realidade. Mas a forma como tudo isso está sendo implantado gera uma insegurança muito grande para os funcionários. Hoje, temos demissões de funcionários porque não se en-

quadram mais no perfil do setor. Ora, esse perfil não foi discutido em lugar nenhum.

Os funcionários tinham a idéia de que precisávamos de uma reforma. A universidade cresceu muito rapidamente e os funcionários não cresceram na mesma proporção. Mas todas as reformas que vieram não só caracterizaram a quebra do diálogo, da democracia, da participação, dos acordos internos e de uma série de benefícios conquistados ao longo do tempo. Criaram também uma divisão na categoria. Temos trabalhadores exercendo a mesma função e ganhando salários totalmente diferentes. Com os professores, isso só não aconteceu porque não deixamos que o Conselho Universitário aprovasse.

NOVA REITORIA

Acredito que o próximo reitor terá que ser, em primeiro lugar, uma pessoa com muito jogo de cintura, para encaminhar as discussões a todos os atores vivos desta universidade – os atores sociais que participam, gostam da universidade e querem vê-la crescer. É algo essencial.

Também se pode fazer uma retrospectiva do que ocorreu, para depois projetar o futuro. Isso deve ser feito dentro do mesmo espírito com que nós criamos a universidade, e não da forma que está posta. Logicamente, a Fundação está aí e não podemos negar. Temos que sentar e conversar.

Felizmente, depois dessa “limpeza” que aconteceu entre os trabalhadores da universidade, ainda sobrou muita gente boa e comprometida com a PUC-SP. Essas pessoas têm todas as condições de sentar para discutir e pensar um novo caminho para a universidade. Resgatando o que foi perdido – o diálogo – e resgatando a universidade do futuro.

FUNCIONÁRIOS NO CONSUN

Participei de boa parte da discussão da crise dentro do Conselho Universitário. O que está pautando o Consun hoje é mais a questão do Redesenho, da estrutura da universidade. Com isso, penso que os próprios conselheiros administrativos não estão tendo tanto espaço para discutir as questões referentes aos funcionários. Acredito que essa discussão deva acontecer em um segundo momento.

Quanto ao relacionamento entre AFAPUC e Reitoria, pelo que tenho acompanhado nas assembleias, foi colocada uma pedra no diálogo com a entidade. Seria bem-vindo um aceno por parte da

Reitoria, para sentar, conversar e realmente avançar nas questões que estão postas. Mas os próprios funcionários também têm que repensar suas atitudes, repensar tudo o que aconteceu nesse período e retomar o diálogo. Os dois lados têm que ceder para poder recomeçar.

ESGARÇAMENTO DAS RELAÇÕES

O relacionamento entre os diversos setores da comunidade é o ponto central de nossa luta. Tivemos, durante muito tempo, um bom relacionamento na PUC-SP. Cada um respeitava a especificidade do outro. Havia um movimento conjunto entre professores e funcionários. Em determinados momentos, nos unimos e tivemos grandes conquistas. Em outros, nos separamos, e cada um levou a sua luta. A própria situação da universidade favoreceu o esgarçamento. Mas acho que existem condições para a retomada do diálogo. Acredito na mudança. Esse é o mote da minha vida.

A universidade teve um retrocesso político de 25 anos. A PUC-SP está hoje como quando eu entrei. Tudo o que conseguimos avançar, perdemos nesta última gestão. Há pouca participação, pela insegurança em que vivemos. Hoje você está aqui; amanhã, não sabe se será chamado para ser demitido.

Isso precisa ser repensado, porque a PUC-SP é nossa. Não é da Igreja, não é da Fundação. Nós construímos a PUC-SP. E nós temos que reagir.

Um grande desafio que vamos enfrentar daqui a alguns anos é a questão do envelhecimento. O próximo reitor deve pensar em uma política de atendimento ao trabalhador idoso. Até algum tempo, a PUC-SP não demitia de forma tão descarada como aconteceu na última gestão. Pessoas trabalharam muitos anos e envelheceram aqui dentro. E depois, o que se vai fazer com elas? Aposentadoria compulsória? Programa de Demissão Voluntária enganador?

Em resumo, hoje passamos por um retrocesso político, insegurança, desrespeito com os trabalhadores. Na época das demissões, uma funcionária veio chorando a mim e disse: “você tem que acreditar, eu não sou nada disso que eles estão falando. Nunca tive uma advertência”. Uma situação extremamente constrangedora para alguém que viveu 30 anos aqui dentro.

Outro dia, fui ao banco e a gerente me confidenciou que estava fazendo 30 anos de casa. Como prêmio, havia um convite para um show do Roberto Carlos. Aqui, na PUC-SP, quem completa 30 anos de serviço está sendo premiado com um bilhete azul, mandado por telegrama.

“A universidade teve um retrocesso político de 25 anos. Tudo o que conseguimos avançar, perdemos nesta última gestão”

A Gravidade da Falta de Lei

Daniel Clemente

Trata-se de um laudo técnico ou de um boletim de ocorrência contra Isaac Newton? O engenheiro britânico Nick Barton, contratado pelo Consórcio Via Amarela, responsável pelo desastre nas escavações do metrô de São Paulo no dia 12 de Janeiro de 2007, procurou justificar a tragédia culpando a Lei da Gravidade, salientando que o acidente teria sido inevitável devido às “características geológicas complicadas” da região e que “por azar, uma rocha de 15 mil toneladas localizada em cima do túnel do metrô não foi detectada”.

Caso o engenheiro “especialista em artigos para inglês ver” esteja certo, estará atestando a irresponsabilidade do Consórcio Via Amarela da mesma forma, pois, demonstrando que as características geológicas da região são complicadas, então seria no mínimo imprudência realizar escavações numa área urbana altamente habitada sem a precisão de baixo risco de acidentes. Mas se o objetivo do engenheiro gringo era de agradar quem o pagou, prontamente conseguiu. Aliás, engenheiros e outros tantos diplomados, por vezes, procuram engavetar suas aulas de ética obtidas nas universidades, para o melhor andamento da prosperidade profissional. Com a ética virada para quem paga mais, seu trabalho satisfaz os empresários tupiniquins, levando um diretor do Consórcio a elogiar a “objetividade” do laudo técnico. Mas como elogiar um laudo em que o objetivo é absolver o crime e atestar a impunidade? De laudo a defesa, de engenheiro a advogado, de réu a vítima de Newton.

O desabamento na obra do metrô revela a existência de um desmoronamento nas condições de trabalho e de emprego no Brasil, e neste caso na engenharia civil. O excesso de terceirização, estimulada pela busca de maiores lucros e competitividade, leva à precariedade salarial, à baixa qualificação profissional e ao racionamento no material utilizado para efetuar a obra, fatores que implicam uma matemática sádica, dividindo e diminuindo direitos civis trabalhistas, colocando-os na

posição de “zero à esquerda”.

Utilizando-se cálculos tão frios quanto a construção de uma avenida por cima de um bosque, a “Lei de Gerson” culpa a Lei da Gravidade, colocando Isaac Newton no banco dos réus. A gravidade da falta de lei transforma a morte em estatística, modificando apenas o placar que contabiliza a quantidade de dias em que a empresa não tem um acidente de trabalho, que não incapacitou, que não mutilou, que não matou um trabalhador ou alguém que esteja na área de risco. A fatalidade preenche os programas de retrospectiva anual, cria heróis voluntaristas, aquece a tela fria com sensacionalismo, gera reportagens de baixo custo e comove mais o público do que as já rotineiras notícias de enchentes e caos no trânsito na cidade de São Paulo.

A Lei da Gravidade por muitas vezes atua na política econômica brasileira, e se manifestou mais intensamente sob a Lei do Chumbo vivida no Brasil e na América Latina, quando o poder de botas usurpou as constituições latino-americanas, devido ao “perigo exemplar cubano”. Assumindo o Palácio do Planalto em 1974, o general Ernesto Geisel implantou o 2º Plano Nacional de Metas, num momento em que as economias mundiais estavam freando seus investimentos. O Brasil adotaria, através do aumento da dívida externa, investimentos em sua estrutura industrial. Geisel foi mais uma vítima de Newton, e tal fato ficou evidente quando o general anunciou ao povo brasileiro o projeto denominado “Fuga para Frente”: “antes, o Brasil estava à beira do precipício; agora, com o 2º PND, vamos dar um passo à frente”. Muitas leis são falhas, mas a de Newton não, caímos!

Daniel Clemente é funcionário da Central de Cópias e estudante do curso de História.



Efeitos da Maximização

“Estou preocupada, pensando se tenho conseguido dar aulas da mesma forma, com a preparação adequada, com correção dos trabalhos. São muitas as disciplinas que estamos dando. As classes são muito heterogêneas, algumas muito grandes – o que é problemático para nós, que sempre fizemos questão de manter a qualidade.

Além das disciplinas, existe outro problema: muitas reuniões, seja para elaborar projetos para financiamento externo, pesquisas, orientação em iniciação científica, orientação de TCC, Redesenho, reuniões de Departamento – muitos professores dão aulas em cursos com diferentes departamentos. Passamos praticamente o dia inteiro, todos os dias da semana, em reuniões. Tudo isso está nos deixando sem forças. No final do dia, vou para minha casa e não consigo mais preparar aula. Preciso acordar muito cedo.

Gostaria que a maximização pudesse ter efeitos bons, mas não sei avaliar se o sacrifício que estou fazendo pode trazer benefícios. Depois das demissões, ficamos sobrecarregados. Por mais entusiasta que eu seja em dar aulas, tenho saído delas preocupada com os efeitos de nosso cansaço nos alunos.

Entre na PUC-SP em 1987 e nunca senti tanta insegurança. Esperamos que as coisas se tranquilizem, e pelo menos saibamos que nosso trabalho está valendo a pena. Mas não estou satisfeita com meu trabalho, dada a falta de tempo adequado suficiente. Estamos sendo muito exigidos.”

Flamínia Lodovici, professora do Departamento de Linguística

Rola na rampa

Professor de Jornalismo é reintegrado à PUC-SP

O professor Jorge Rafael Renard, do Departamento de Jornalismo, obteve ação na Justiça que determina sua reintegração à universidade. Jorge Rafael foi demitido em 2006, junto com centenas de professores escolhidos por uma lista de dispensa assinada pela Fundação São Paulo. Segundo o advogado do professor, "a juíza da 57ª Vara reconheceu a nulidade da dispensa efetivada pela PUC-SP, determinando a sua reintegração ao emprego com o pagamento dos salários vencidos, com os respectivos recolhimentos fundiários, desde a data do ajuizamento da ação até a efetiva reintegração, que deverá ser cumprida em 10 dias após a publicação da sentença, sob pena de multa diária de R\$ 1.000". A Justiça também acolheu o pedido de pagamento das diferenças no Adicional por Tempo de Serviço e a indenização referente aos gastos com planos de saúde, desde a dispensa até a reintegração. A

juíza considerou que não houve danos morais com a demissão.

Não é a primeira vez que o professor Jorge Rafael ganha uma causa na Justiça. Em 2007, ele entrou com uma ação pleiteando a diferença salarial referente a uma redução de carga horária, ocorrida no primeiro semestre de 2004. O professor, à época com um contrato de tempo integral, passou para um contrato de tempo parcial de 30 horas, sem a sua anuência. O juiz emitiu sentença em que julgou procedente a reclamação do professor, condenando a Fundação São Paulo a pagar, nos termos e limites da fundamentação do reclamante, salários e reflexos, além de multas normativas.

A decisão em última instância em favor do professor Jorge Rafael pode ser interpretada como uma sentença contra a própria maximização, implantada pelo Consun, em caráter temporário, a partir de 2006.

Maio de 68 na APROPUC

Ainda resta tempo para quem não pôde assistir aos filmes sobre Maio de 68 no auditório da APROPUC. O ciclo *Os 40 anos de Maio de 1968 – As barricadas do desejo e a imaginação no poder* continua durante toda esta semana. Na segunda-feira, 26/5, serão exibidos *A Chinesa* (1967) de Jean-Luc Godard, às 12h30, em versão original, sem legendas. Mais tarde, às 17h, é a vez de *A Insustentável Leveza do Ser* (1988), de Philip Kaufman, baseado no romance de Milan Kundera. Na terça, 27/5, entra em cena *Corações e*

Mentes (1974), de Peter Davis, às 12h30. Em seguida, às 17h é a vez de *Amantes Constantes* (2005), dirigido por Philippe Garrel. *Loucuras de uma Primavera* (1990), de Louis Malle, com legendas em espanhol, será exibido em 28/5, às 12h30, seguido por *Educators* (2004), de Hans Weingartner, às 17h. Para fechar a semana, em 30/5, as atrações são *O Sol, Caminhando contra o Vento* (2006), de Tetê Moraes e Martha Alencar, e *Loucuras de uma Primavera*, às 17h. A entrada é gratuita. A sede da APROPUC fica na Rua Bartira, 407.

Conferência encerra Raízes d'África

Depois de uma série de atividades relacionadas ao continente africano, o ciclo *Raízes d'África* será encerrado nesta terça-feira, 27/5, às 19h20, no Tucarena, com uma conferência sobre o papel da África do Sul na segurança da África, apresentada pelo professor Davi Monyae, da Universidade Witwatersrand (África do Sul). O evento tem apoio do Consulado Geral da África do Sul, CEA-USP, Vice-Reitoria Acadêmica e Casa das Áfricas. Organizado pelo PAC/Vracom, Cecafo e alunos africanos da PUC-SP.

Os Insurgentes na tela

Foi ao ar durante a semana passada a mais recente edição do programa *Os Insurgentes*, produção do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária, do pós em Ciências Sociais) exibida pela TV PUC (canais 11

Primeira Mostra Comunitária da PUC

Durante os dias 27, 28 e 29/5 acontece a primeira Mostra Comunitária da PUC-SP. Os 20 projetos sociais da universidade estarão reunidos em exposição na quadra da Monte Alegre. Na mostra, os visitantes poderão conhecer a história de cada projeto, as comunidades beneficiadas e claro, sua importância para a universidade. Mais informações na página www.pucsp.com.br/mostracomunitaria.

da NET e 71 da TVA). O programa vai ao ar novamente nesta terça-feira, 27/5, às 7h30. Os convidados da semana são Robson Achiamé e Acácio Augusto. Informações: www.nu-sol.org.